

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE A FORMAÇÃO CIDADÃ, INCLUSÃO SOCIAL
E DESAFIOS NO FUTEBOL DE BASE: Um estudo de caso em São Luís – Ma.**

WERBETH PEREIRA DA SILVA

SÃO LUÍS
2025

WERBETH PEREIRA DA SILVA

**PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE A FORMAÇÃO CIDADÃ, INCLUSÃO SOCIAL
E DESAFIOS NO FUTEBOL DE BASE: Um estudo de caso em São Luís – Ma.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Educação Física da Universidade
Federal do Maranhão como requisito
parcial para a obtenção do grau de
Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Alex Fabiano
Santos Bezerra

SÃO LUÍS
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Pereira da Silva, Werbeth.

PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE A FORMAÇÃO CIDADÃ,
INCLUSÃO

SOCIAL E DESAFIOS NO FUTEBOL DE BASE : um estudo de
caso em São Luís Ma / Werbeth Pereira da Silva. - 2025.

45 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Alex Fabiano Santos Bezerra. Curso de
Educação Física - Licenciatura, Universidade
Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Esporte. 2. Futebol de Base. 3. Inclusão Social.
I. Santos Bezerra, Prof. Dr. Alex Fabiano. II. Título.

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

WERBETH PEREIRA DA SILVA

**PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE A FORMAÇÃO CIDADÃ, INCLUSÃO SOCIAL
E DESAFIOS NO FUTEBOL DE BASE: Um estudo de caso em São Luís – Ma.**

Aprovado em: 05/08/2025

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Alex Fabiano Santos Bezerra

1ª Examinadora: Jucilea Neres Ferreira

2º Examinador: Carlos Adriano

Suplente: Fabio Henrique Dutra

RESUMO

Percepções docentes sobre a formação cidadã, inclusão social e desafios no futebol de base: um estudo de caso em São Luís - ma. O estudo teve por objetivo geral analisar a percepção docente sobre a formação cidadã, inclusão social e desafios em uma escola de formação especializada de futebol para crianças e jovens na cidade de São Luís. Como objetivo específico optou-se por: identificar atividades e conteúdos desenvolvidos pelos professores; descrever a aplicação de estratégias de ensino utilizadas nas atividades práticas dessa escolinha; e entender os desafios percebidos no processo de formação dos jovens praticantes de futebol. A metodologia envolveu uma pesquisa dentro de uma abordagem qualitativa, dentro do método estudo de caso. O instrumento utilizado foi a entrevista com professores vinculados à escolinha de base local, buscando compreender como o futebol pode atuar como ferramenta de inclusão social, desenvolvimento humano e formação de valores. O estudo percorre uma contextualização histórica do futebol mundial até sua consolidação no Brasil, destacando as dimensões sociais e pedagógicas do esporte. A pesquisa revela que, além de promover habilidades técnicas, a escolinha de futebol exerce um papel formativo relevante, contribuindo para o fortalecimento da ética, da disciplina, do respeito e do trabalho coletivo. Apesar das limitações enfrentadas — como a baixa participação feminina, a carência de políticas públicas e a pressão por desempenho competitivo —, as experiências relatadas demonstram que o futebol, quando conduzido com intencionalidade educativa, possui forte potencial de transformação social. Conclui-se que o esporte pode ser um instrumento efetivo de cidadania, desde que articulado à escola, à família e à comunidade.

Palavras-chave: Esporte; Futebol de base; Inclusão Social.

ABSTRACT

This study aims to analyze the role of grassroots football schools in the civic development of young people from the São Cristóvão neighborhood community, located in São Luís, Maranhão, Brazil. Using a qualitative and descriptive approach, interviews were conducted with physical education teachers linked to local football schools in order to understand how football can act as a tool for social inclusion, human development, and the construction of ethical values. The research provides a historical overview of football's evolution, from its early origins to its consolidation in Brazil, emphasizing the sport's educational and social dimensions. Findings indicate that beyond technical skill development, football schools significantly contribute to fostering discipline, respect, teamwork, and ethical awareness among students. Despite facing challenges such as limited female participation, lack of public policies, and excessive focus on competitive results, the experiences reported highlight football's strong potential as a driver of social change when intentionally used as an educational practice. It is concluded that sport can be an effective instrument for citizenship, provided it is integrated with school, family, and community contexts.

Keywords: Esporte; Association Football. Social inclusion.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	9
2.1 As origens do futebol em diversas perspectivas pelo mundo	9
2.2 A história do futebol até a chegada no Brasil	13
2.3 Futebol brasileiro: das ruas às escolinhas	15
3. DIMENSÕES SOCIAIS DO ESPORTE.....	16
3.1 Formação do cidadão atleta de futebol	17
3.2. Futebol e o papel social de inclusão	19
4. METODOLOGIA.....	21
4.1 Cenário da Pesquisa.....	21
4.2 Características da Pesquisa	21
4.3 Sujeitos do Estudo.....	21
4.4 Instrumentos de Coleta de Dados	22
4.5 Procedimentos de Coleta de Dados.....	23
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
5.1 Formação educacional e cidadã	25
5.2 Esporte e inclusão social	28
5.3 Desafios e perspectivas no futebol de base	31
6. CONCLUSÕES	34
REFERENCIAS	36
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE	39
APÊNDICE B - ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS	41

1. INTRODUÇÃO

O esporte pode ser caracterizado por inúmeras formas e entendimentos. Como definição encontra-se a seguinte “uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos” Barbanti (2012, p. 57).

Para os PCN's (1998, p.70) consideram o esporte como: “práticas em que são adotadas regras de caráter oficiais, organizadas em federações regionais, nacionais e internacionais, que regulamentam a atuação amadora e profissional”. Tubino (2001) definiu esporte a partir das recomendações da Carta Internacional da Educação Física e Desporto, que definiu o esporte como um fenômeno sociocultural. Assim, o esporte passou a apresentar um viés social, inclusivo, marcado pelo direito das pessoas à atividade física e vivência coletiva.

Na perspectiva do esporte entre suas versões de lazer, de competição e de participação, destaque para as amplas possibilidades do esportes educacional e de lazer, pois permitem as possibilidades de inclusão social nos mais diversos sentidos. Sendo assim, atrelando esses valores a modalidades que são reconhecidas como altamente competitiva, e com uma institucionalização muito bem estruturada, traz-se a reflexão sobre a modalidade do futebol, por entender essa modalidade como de grande alcance de participação do país.

O futebol ocupa posição singular na cultura brasileira: é, simultaneamente, espetáculo midiático, prática cotidiana e vetor de sociabilidade. Sua presença perpassa ruas, praças, escolas e, mais recentemente, escolinhas de formação, onde crianças e adolescentes encontram não apenas treino técnico, tático e físico, mas também possibilidades de desenvolvimento moral e integração comunitária.

O chamado futebol de várzea, geralmente organizado e praticado em espaços improvisados, ou construídos pelas pessoas nos lugares onde vivem, é um exemplo clássico dessa massificação do futebol. É muito comum também perceber o impacto do futebol em comunidades de difícil acesso, sendo a prática do futebol, umas poucas opções de lazer das pessoas desses lugares.

Em outras formas de organização do futebol podemos encontrar as realizadas pelas chamadas escolinhas de futebol. Tais práticas podem estar ligadas ao poder

público, a iniciativas de organizações de esporte, como também, a organizações dos bairros onde as pessoas residem. Neste sentido, pode-se encontrar diversos objetivos atrelados a essas práticas atribuídas ao futebol.

A cidade de São Luís em seu processo de urbanização, foi diminuindo os locais destinados a prática do futebol, tendo os praticantes encontrado alternativas nas ruas, nas praças, e nos raros espaços construídos pelo poder público, quase sempre com redução de tamanho do campo de jogo. Por outro lado, ainda se encontra na cidade de São Luís, campos de futebol e organizações esportivas ligadas aos bairros residenciais. Como exemplo, o presente estudo investiga como a escolinha de futebol do bairro São Cristóvão (MA) opera como instrumento social e educativo, tomando como referencia a Escola de Futebol Ponte Preta, sediada na Arena Fênix e no Campo “Tocão”, ambos ligados a associação de moradores do bairro.

A escolinha investigada funciona em contexto periférico, onde a precariedade de espaços públicos e oportunidades de lazer torna o esporte alternativa privilegiada de convivência e proteção social. Seguindo Daólio (1997), o drible e a improvisação, marcas do “futebol de rua”, expressam valores culturais profundos—igualdade, astúcia, liberdade—que podem ser ressignificados em ambientes pedagógicos formais, desde que os profissionais assumam postura inclusiva e crítica.

Arruda e Bolaños (2010) defendem que o processo formativo deve ir além da repetição de gestos motores, estimulando criatividade, entendimento do jogo e tomada de decisão—elementos que configuram a chamada inteligência tática. Ao mesmo tempo, Freire (1998) lembra que “ensinar é um ato político”, exigindo mediação crítica capaz de dialogar com as histórias e sonhos dos educandos. Quando esses referenciais se cruzam, o futebol revela seu potencial de linguagem formativa, ainda que condicionado às intenções pedagógicas dos professores e às condições sociomateriais oferecidas pelas instituições.

Diante disso, formulam-se as seguintes questões de pesquisa: De que maneira as escolinhas de futebol podem constituir-se em espaços de formação cidadã para jovens do São Cristóvão? Quais estratégias pedagógicas os professores utilizam para favorecer participação, permanência e aprendizagem? Que impactos sociais, pessoais e esportivos os participantes atribuem à experiência nas escolinhas?

Para respondê-las, o estudo adota abordagem qualitativa, valendo-se de revisão bibliográfica, observação participante, entrevistas semiestruturadas e

questionários aplicados ao corpo docente das duas unidades analisadas. A triangulação dos dados possibilita captar não apenas “o que” se ensina, mas “como” e “com que efeitos” se ensina futebol nesse contexto específico.

Diante disso, o objetivo geral do estudo foi analisar o ensino do futebol de campo realizado em escola de formação especializada de futebol para crianças e jovens na cidade de São Luís. Como objetivo específico optou-se por: identificar atividades e conteúdos desenvolvidos pelos professores; descrever a aplicação estratégias de ensino utilizadas nas atividades práticas dessas escolinhas; e entender os impactos percebidos no processo de formação dos jovens atletas de futebol.

A relevância do estudo é dupla. No plano acadêmico, contribui para a literatura que articula Educação Física, Sociologia e Inclusão Social, oferecendo evidências empíricas sobre práticas esportivas em contextos de vulnerabilidade. No plano social, fornece subsídios para políticas públicas e iniciativas comunitárias que queiram ampliar o acesso ao esporte como direito de cidadania.

O trabalho organiza-se em cinco capítulos: O primeiro capítulo é a introdução que evidencia as questões norteadoras e os objetivos gerais e específicos, além da metodologia escolhida, para alcançar os resultados. O segundo capítulo apresenta uma abordagem historiográfica do futebol, explorando suas raízes ancestrais em diferentes culturas ao redor do mundo e acompanhando sua trajetória até a consolidação como fenômeno esportivo no Brasil. O terceiro capítulo adentra o campo das dimensões sociais do esporte, promovendo uma discussão teórica sobre os impactos formativos do futebol na constituição do “cidadão atleta”. O quarto capítulo dedica-se à metodologia da pesquisa, descrevendo o percurso investigativo adotado. Por fim, o quinto capítulo apresenta a análise dos resultados, organizada em três eixos interpretativos: Formação Educacional e Cidadã, Esporte e Inclusão Social e Desafios e Perspectivas no Futebol de Base. Ao final, apresentam-se considerações que reafirmam o futebol como prática capaz de integrar corpo, mente e valores coletivos desde que sustentado por projeto pedagógico comprometido com a justiça social.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Compreender o percurso histórico do futebol exige ultrapassar a ideia de que sua criação é fruto exclusivo do contexto europeu moderno. Embora o futebol, como hoje o conhecemos, tenha sido formalizado na Inglaterra do século XIX, suas raízes atravessam milênios e continentes, aparecendo sob diferentes formas em civilizações tão diversas quanto a chinesa, a japonesa, a grega e a mesopotâmica. Esses registros não apontam para um ponto único de origem, mas revelam uma prática humana comum: o ato de chutar, lançar ou disputar objetos esféricos como forma de lazer, ritual ou treinamento.

Autores como Klein e Audinino (1996) identificam que cenas de homens tocando objetos redondos com os pés já eram registradas na arte rupestre, enquanto relatos mitológicos, como os atribuídos ao imperador Huang-Ti, narram a invenção de jogos de bola como elementos culturais milenares. A partir de relatos históricos, arqueológicos e simbólicos, evidencia-se que jogos com os pés não são invenções isoladas, mas expressões corporais compartilhadas por muitos povos e períodos históricos.

Ao longo desta seção, será possível observar como práticas ancestrais como o Tsu chu chinês, o Kemari japonês, o Epyskiros grego, o Harpastum romano e o Soule francês formam uma linha do tempo multifacetada que antecede e influencia o surgimento do futebol moderno. Essa jornada histórica culmina na institucionalização das regras na Inglaterra vitoriana, tornando o futebol um fenômeno global. Assim, a análise das origens do futebol nos permite não apenas rastrear sua evolução técnica, mas também compreender suas dimensões simbólicas, sociais e culturais, profundamente enraizadas na trajetória da humanidade.

2.1 As origens do futebol em diversas perspectivas pelo mundo

A lenda atribui ao mítico imperador Huang-Ti (cerca de 2500 a.c) a invenção de um jogo de bola. Segundo Klein e Audinino (1996), as origens do futebol foram encontradas na pré-história, tendo como registro que “O homem pré-histórico gravou nas suas cavernas cenas de homens tocando com os pés objetos redondos, como uma bola (1996; p.22).”

De acordo com o chinês Liu Bingguo, a tradição do futebol começou na China que de acordo com o mesmo, existiam três tipos de jogos com os pés. O primeiro era uma exibição de malabarismos difíceis feito apenas por uma pessoa. O segundo tinha uma trave no meio e um time de cada lado do gol. Já no terceiro, havia seis gols, um em cada canto do campo e dois times competindo. Esse era o estilo de jogo que mais se aproximava do atual.

Seguindo ainda a busca na história pelas possíveis origens do futebol, mais precisamente no Japão, por volta de 4.500 a.c., encontra-se um outro jogo da estirpe do futebol moderno, o kemari, praticado por nobres da corte imperial. Segundo a Coleção Placar História de Futebol, de 1998, esse jogo consistia em jogar a bola com as mãos e os pés. Os escravos eram os "gandulas" da época, ficando ao redor do campo. Eram os encarregados de repor a bola, feita de fibra de bambu, para que os nobres continuassem a sua diversão.

Outros pesquisadores sugerem o Tsu chu como um ponto de similitude para as origens do futebol contemporâneo

A prática do mesmo fazia parte de um treino militar. A bola era redonda e de couro de porco ou de cão. Devia ser lançada além de duas estacas cravadas no chão (...) Para os militares chineses, essa atividade chamava-se "tsu chu" (Swissinfo.Ch, 2008).

Seguindo a linha cronológica da história dos jogos com bola, a Grécia Antiga, por volta de 800 a.C., na cidade de Esparta, também teve suas origens reveladas, tendo como prática o Epyskiros. O jogo utilizava uma bexiga de boi recheada com areia e ar, utilizado como atividade complementar ao treinamento militar. Posteriormente, devido à expansão do Império Romano, uma versão semelhante desse jogo, denominada Harpastum, difundiu-se pelo território conquistado. Ambas para fins militares, essa prática envolvia táticas ofensivas e defensivas, antecipando, em certa medida, elementos estruturais do futebol moderno.

Após a queda do Império Romano, os registros sobre jogos com os pés tornam-se escassos, mas há relatos de atividades populares similares durante a Idade Média, ainda que marcadas por desorganização e violência. Entre os exemplos dessa fase, destaca-se o Soule (ou Choule), praticado na Normandia e Bretanha, que mobilizava grande parte da população em disputas caóticas nas ruas.

Estas palavras eram derivadas do celta e significava sol, a bola. No início, a bola era jogada para o alto para que tomasse contato com as divindades e quando voltada ao chão era disputada pelos dois grupos, postados em cada lado do campo. Eram grupos bastante numerosos e a luta pela posse da bola encarniçada. A meta poderia ser um muro, uma árvore ou a praça da cidade vizinha. A disputa se dava por bosques, riachos e estradas e podia demorar dias. No século XI, o jogo passou a ser disputado em campos delimitados e com uma parede à guisa de meta. As mãos podiam ser usadas para receber a bola, mas ela tinha de ser impulsionada com o pé. Quem conseguisse colocar a bola na meta indicada, se tornava o "dono" do choules ou soules (Klein; Audinino, 1996, p.22).

A popularidade crescente desses jogos levou a sucessivas proibições por parte de monarcas europeus, como Eduardo II, Felipe V e Carlos V, que os consideravam prejudiciais ao treinamento militar com arco e flecha. Tais medidas, contudo, não impediram a continuidade da prática, frequentemente mantida em espaços religiosos onde a autoridade real tinha pouca penetração.

No século XVI, por volta de 1529, surge em Florença um jogo de bola mais próximo do que hoje se entende por futebol: o Calcio.

[...] eram 27 jogadores por equipe: uma jogava de verde e a outra inteiramente de branco. A partida durou algumas horas e, a partir daí, passou a ser realizada anualmente no dia 24 de junho (dia de São João, padroeiro da cidade). O giuoco del calcio, em 1580, recebeu as suas primeiras regras normativas. Continuou com 27 jogadores de cada lado: quinze atacantes (innanzik), cinco como defensores avançados (sconciatori), quatro numa terceira linha (datori innanzi) e mais três defensores de meta (datori in dietro) (Placar, 1998, p. 06).

Diante dos cenários apresentados, a nossa linha de tempo sobre a origem do futebol, junto com os respectivos aurores e estudos, nos trouxe, assim, ao berço do futebol moderno. A partir deste momento, e até o século XIX, a prática dos vários jogos com os pés oportunizam o final da evolução até o futebol moderno.

A primeira grande mudança rumo ao futebol moderno se deu nas escolas públicas inglesas, que pode ser evidenciado por Capinussú, de 1997, que dizia que “realmente coube à Inglaterra dar o impulso verdadeiro à moderna prática esportiva, a partir de 1830, com a implantação do Colégio Rúgbi por Thomas Arnold, que preconizava sobretudo o aprimoramento moral através do esporte (Capinussú, 1997. p. 28)”

No final do século XVIII, as escolas eram instituições rebeldes e até violentas, pois eram ocupadas pelos ociosos da aristocracia inglesa. Quando estes filhos da

nova classe média chegaram às universidades, surgiu a necessidade de se melhorar a disciplina. Pessoas esclarecidas como o diretor da escola Rúgbi, percebeu a importância nestes jogos viris, praticados pela maioria dos estudantes, para a construção da autoconfiança e da formação do caráter, incentivando assim, a prática destes jogos na sua escola (Placar, 1998).

A escola Harrow desempenhou papel crucial na modificação e consequentemente consolidação do futebol contemporâneo ao adotar formações com onze atletas por lado e valorizar predominantemente o jogo pelos pés, em detrimento dos arremessos manuais.

Quando esses ex-alunos ingressaram na universidade, perceberam que outros estudantes seguiam códigos diferentes, o que motivaram reuniões em Cambridge. Nela, representantes de diversos colégios unificaram normas dispersas e criaram um regulamento comum, amplamente disseminado na Inglaterra por meio de folhetos e pela própria circulação dos estudantes-jogadores em suas regiões de origem.

Com a disseminação e popularização acelerada da nova prática- esta comum para todas as comunidades esportivas- estabeleceu-se o princípio fundamental que perdura até hoje: o uso exclusivo dos pés na condução do jogo, marco que pode ser considerado o verdadeiro nascimento do futebol moderno.

Em 26 de outubro de 1863 -numa reunião realizada à luz de velas na Tabern Freemason 's, em Great Queen street, Londres -, onze clubes e escolas comparecera para debater as regras do esporte. Uns defendendo o jogo só com os pés, outros batendo-se por uma unificação das regras a partir dos fundamentos do rúgbi. Os que eram pelo futebol, pura e simplesmente, estabeleceram suas leis, fundando a The Football association, uma espécie de CBF inglesa, e dando forma definitiva ao jogo que, mais tarde, se transformaria numa paixão universal. O futebol foi oficialmente codificado em dezembro daquele ano, a partir de nove regras estabelecidas por Cambridge (Placar, 1998, p. 7).

Diante dessa linha do tempo, podemos já refletir como a prática do futebol chegou na América Latina e especificamente no Brasil, tornando-se não só um dos esportes mais praticados pelo povo brasileiro, como tornando-se um símbolo identitário nacional.

2.2 A história do futebol até a chegada no Brasil

De acordo com Castro (1998) e a Placar História do futebol (1998), existem indícios que comprovam as origens da prática do futebol na América Latina, como o Aqsaqtuk no norte do Canadá; no Chile jogavam o Pilimatun; na Patagônia, era jogado o Tchoekah; já os Maias, no norte de Honduras, praticavam um jogo chamado Copan, onde os perdedores perdiam também as suas cabeças; os Astecas, no México, praticavam um jogo mais pacífico chamado Ullamalizth, que consistia numa disputa onde uma bola de borracha era rebatida com os quadris.

Contudo, tais jogos supracitados não são considerados precursores do futebol moderno, sendo “que este chegou às Américas, no século XIX, com o advento da expansão do mercado, gerada pela revolução industrial, por intermédio de seus marinheiros, viajantes e trabalhadores ingleses (Scaglia, 1999, p. 13).

Seguindo o mesmo autor, na América do Sul, o futebol chega por volta da segunda metade do século XIX, primeiramente na Argentina, onde, no início, era visto como jogo maluco praticado pelos ingleses e depois do fim do século XIX até o início do século XX, o futebol já havia contaminado todos os países no sul das Américas, mais radicalmente, na Argentina, no Uruguai e no Brasil (Scaglia, 1999, p. 14).

Trazido por imigrantes e marinheiros ingleses que aportaram em Buenos Aires na década de 1860, o "jogo dos loucos" começou com uma reunião informal entre amigos. As equipes eram, então, formadas por cidadãos ingleses, diplomatas e funcionários das companhias de gás da capital argentina. Pouco a pouco, porém, foi-se espalhando. Primeiro para o Uruguai, onde chegou quase simultaneamente. Depois para o Brasil [...] (Placar, 1998, p. 4)

De acordo com Witter (1996), o futebol foi oficialmente introduzido no Brasil em 1894, na cidade de São Paulo, por meio de Charles Miller, que ao retornar da Inglaterra, trazia bolas, uniformes e chuteiras, além do conhecimento das regras do esporte.

Embora essa data seja reconhecida como o marco inicial da prática futebolística no país, há indícios de partidas informais anteriores nos portos de Santos e de Pernambuco, protagonizadas por marinheiros britânicos (Placar, 1998, p. 4).

Também se mencionam iniciativas anteriores atribuídas a missionários jesuítas e a outras personalidades europeias, ainda que sem comprovação documental conclusiva (*História Ilustrada do Futebol Brasileiro*, 1968).

Contudo, a narrativa mais contundente credita a Charles Miller a introdução estruturada do jogo, especialmente entre as elites paulistas, num período que coincidiu com a consolidação da República e a posse do primeiro presidente civil, Prudente de Moraes (Witter, 1996, p. 12). Por ter todo o material importado, as práticas de jogo se restringiam às elites, contudo, o entusiasmo pelo futebol expandiu-se para outras regiões do país.

Clubes surgiram em diferentes estados, como o Rio Grande F.C., no Rio Grande do Sul, e a Ponte Preta, em Campinas (SP), ambos fundados em 1900 e disputando a primazia de clube mais antigo do Brasil (Witter, 1996, p. 13).

A difusão do futebol ocorreu de forma descentralizada: no Rio de Janeiro consolidou-se com Oscar Cox; no Maranhão com Joaquim Moreira Alves de Souza; no Paraná por intermédio de Frederico Fritz Essenfelder; e em Santa Catarina por estudantes de São Paulo e do Rio (Klein; Audinino, s.d., p. 25). Esses núcleos regionais mostram que a expansão não partiu de um único centro irradiador, mas de focos que surgiam simultaneamente.

Pela disseminação descentralizada, aos poucos o esporte foi deixando de estar somente entre as elites e foi progressivamente rompendo com as barreiras sociais. Em São Paulo, surgiram campos improvisados às margens dos rios Pinheiros e Tietê, origem do chamado futebol de várzea (Witter, 1996, p. 14-15).

Já nas primeiras décadas do século XX, operários, negros e mulatos, incentivados por fábricas que construía campos para lazer dos trabalhadores, assumiram papel de destaque, impulsionando a profissionalização da modalidade (Schar; Catiani, 2000, p. 47).

Em pouco mais de um século, o Brasil transformar-se-ia em potência futebolística, acumulando múltiplos títulos internacionais e construindo uma identidade esportiva de alcance global.

2.3 Futebol brasileiro: das ruas às escolinhas

A rápida popularização do futebol entre as camadas populares brasileiras transformou o esporte em uma das principais práticas culturais do país. Embora existam poucas investigações aprofundadas sobre os motivos desse fenômeno, autores como Jocimar Daólio (1997) buscam explicá-lo por meio de uma análise sócio antropológica.

Segundo o autor, o futebol significa mais que um jogo, representa aspirações e contradições do povo brasileiro, refletindo elementos culturais profundos, como a noção de igualdade, a valorização do drible associado muitas vezes a malandragem e a liberdade de expressão popular (Daólio, 1997, p. 102).

Um dos aspectos mais relevantes apontados por Daólio refere-se à formação corporal histórica do povo brasileiro, fruto da herança cultural de matrizes negra, indígena e branca - como danças, capoeira e rituais indígenas- teriam contribuído para uma predisposição motora voltada ao uso dos pés, favorecendo a habilidade com a bola (Daólio, 1997). Assim, segundo o autor, “é possível que o povo brasileiro [...] tenha maior facilidade histórica e cultural com os pés para a prática do futebol (Daólio, 1997, p. 106).”

Essa habilidade se manifesta na infância, quando o futebol se transforma em brincadeira cotidiana. As crianças, ao improvisarem bolas com meias, laranjas ou latas, reproduzem gestos técnicos em espaços como terrenos baldios, ruas, várzeas ou praias.

Scliár e Cattani (1968) descrevem que “a bola é um brinquedo barato” e que qualquer objeto pode ser chutado como se fosse um gol legítimo (Scliar; Cattani, 1968, p. 399). Essa prática popular originou a chamada “pedagogia da rua”, capaz de formar grandes jogadores, mesmo sem estrutura formal (Freire, 1998, p. XIII-XV).

A pelada e outras brincadeiras como o “bobinho” ou o “controle” ensinaram, por meio do lúdico, a maneira singular do brasileiro jogar futebol — uma forma criativa e improvisada, muitas vezes mais eficaz do que o treinamento formal (Freire, 1998). Como afirmam Scliár e Cattani (1968), “muitos podem até pensar que somos os inventores do futebol”, tamanha é a familiaridade dos brasileiros com a bola (p. 399).

Contudo, nas últimas décadas, especialmente nos grandes centros urbanos, as ruas e os campinhos vêm sendo substituídos por obras e veículos, impedindo que esses espaços cumpram sua função social (Freire, 1998).

Como alternativa, surgem as escolinhas de futebol, muitas vezes particulares e voltadas ao sonho de profissionalização. Reconhece-se que elas vêm assumindo o papel antes exercido pela rua, sendo cada vez mais procuradas por crianças das periferias com o desejo de se tornarem grandes jogadores (Freire, 1998).

O futebol, assim, permanece como paixão nacional, iniciada na infância e perpetuada ao longo da vida. Segundo Scliár e Cattani (1968), “o menino brasileiro aprende cedo a amar a bola e a ser fiel a ela”, e nesse amor reside o passado, o presente e o futuro do futebol nacional (p. 399).

3. DIMENSÕES SOCIAIS DO ESPORTE

Segundo alguns autores como Tubino (2001), antigamente o esporte se destacava pela valorização da competitividade e do rendimento e na restrição de mulheres que eram discriminadas para a prática do esporte. Contudo, ao longo dos tempos, a realidade foi se modificando e gradativamente o esporte foi ganhando valor social.

Com isso, novas modalidades esportivas foram surgindo e sendo praticadas não somente por um perfil físico específico, e sim por vários indivíduos de diferentes marcadores sociais, geográficos ou de gênero. Assim, o esporte deixou de ter um padrão e passou a ser firmado pela diversidade, inclusão e participação de todos.

Ainda segundo Tubino (2001), o esporte se classifica em um fenômeno sociocultural e se divide em três dimensões sociais: esporte educacional, performance/ rendimento e lazer/ participação.

Explicando o esporte educacional, Maia (2010) o define que no contexto escolar, deve promover inclusão, socialização e diversão, respeitando as diferenças físicas e sociais dos alunos.

No entanto, quando a escola prioriza a competição em jogos e olimpíadas, acaba enfatizando a performance e o rendimento, o que pode gerar exclusão. Tubino (2001, p. 34) reforça que “o esporte na escola pode ser um dos meios mais efetivos de formação de jovens”, contribuindo para o desenvolvimento social e a formação da personalidade dos alunos.

Além disso, o esporte escolar visa desenvolver o aspecto psicomotor, a autonomia e o senso crítico dos alunos (Tubino, 2001). Por outro lado, o esporte de rendimento se preocupa com o alto desempenho, focando nos mais habilidosos e excluindo os menos capacitados (Maia, 2010). Tubino (2001, p. 40) afirma que o esporte de rendimento "propicia os espetáculos esportivos", podendo gerar tanto efeitos positivos quanto negativos, como exclusão, preconceito de gênero, doping, corrupção e agressividade.

Apesar dos aspectos negativos, o esporte de rendimento também apresenta pontos positivos, como geração de turismo, intercâmbio cultural e influência no esporte popular (Tubino, 2001).

Por fim, o esporte de participação é caracterizado pela prática livre e prazerosa, sem cobranças por resultados ou competições (Tubino, 2001). O autor ressalta que "a participação é considerada um aspecto essencial de qualquer processo de democratização" (Tubino, 2001, p. 39), sendo uma dimensão voltada à ludicidade e inclusão de todos os praticantes.

3.1 Formação do cidadão praticante de futebol

De acordo com Leme (2005), o primeiro contato com o futebol acontece de maneira natural e espontânea, principalmente nas ruas, quintais e espaços comunitários, onde as crianças utilizam materiais simples e improvisados, como bolas feitas de papel ou até bolinhas de gude, para praticar aquele que é um dos esportes mais presentes na cultura brasileira.

À medida que o futebol se desenvolve nesses ambientes, ele passa a desempenhar um papel importante na formação das crianças e adolescentes, promovendo convivência, trocas de experiências e interação com diferentes pessoas por meio dos jogos e brincadeiras.

A partir da perspectiva de George Herbert Mead, Souza (2006) ressalta que as atividades lúdicas na infância são fundamentais, pois permitem à criança vivenciar o papel do outro, experimentando diferentes posições sociais.

Nesse sentido, Mead (1934) destaca o conceito de "outro generalizado" como essencial para esse aprendizado, já que é por meio dele que o indivíduo aprende e assimila as normas sociais e os valores coletivos da comunidade.

O futebol nas comunidades segue um caminho natural que vai do jogo livre e

descompromissado, sem muitas regras, até práticas mais organizadas e estruturadas, com normas bem definidas e objetivos coletivos (Sass, 2004).

Essa evolução contribui para o desenvolvimento social dos participantes, fortalecendo a construção da identidade, o sentimento de pertencimento ao grupo e valores importantes como a cooperação, o espírito de equipe e o respeito mútuo.

Assim, o futebol vai assumindo um importante lócus de ascensão social, principalmente para crianças oriundas das camadas populares, o papel de uma possibilidade real de mudança de vida. Isso ocorre em um cenário social marcado pela falta de igualdade nas oportunidades educacionais e profissionais (Sass, 2004).

A prática esportiva, além de proporcionar benefícios físicos, emocionais e sociais, muitas vezes representa uma chance de transformação pessoal e social, ainda que, conforme destaca Bracht (1997), o número de atletas que conseguem alcançar o sucesso no futebol profissional seja bastante reduzido.

O caminho percorrido por quem deseja se tornar jogador profissional envolve diversos fatores, como o apoio de familiares, amigos, professores e a forte influência da mídia, que contribui para criar uma imagem idealizada do jogador de futebol (Bracht, 1997; Lasch, 1983). No entanto, a realidade enfrentada por esses jovens é repleta de desafios, obstáculos e exigências que nem sempre aparecem nos bastidores do espetáculo esportivo.

Nesse cenário, o futebol está ligado à formação da identidade pessoal e profissional do indivíduo, apoiando a perspectiva de Beck (1998), que considera a profissão como um dos elementos centrais da identificação social atual.

Ciampa (2008) enfatiza que o trabalho e o plano de carreira são aspectos essenciais na definição da identidade pessoal, e para muitos jovens, o futebol representa uma oportunidade viável de inserção social e conquista de reconhecimento.

Assim, o futebol, além de ser um simples jogo ou uma atividade atlética, é um ambiente simbólico que auxilia na formação de identidades, impulsiona o progresso social e, frequentemente, representa uma oportunidade de inclusão socioeconômica para jovens em situação de vulnerabilidade, especialmente em uma nação caracterizada por desigualdades.

No entanto, é importante destacar que a aspiração pela profissionalização nesse esporte é uma chance limitada que requer a superação de diversas dificuldades,

não sendo viável para a maior parte daqueles que buscam essa trajetória.

3.2. Futebol e o papel social de inclusão

Reconhecido mundialmente como um dos esportes mais assistidos e praticados, o futebol ocupa um papel de grande relevância na construção e representação da cultura popular brasileira. Sua influência transcende os limites do esporte, alcançando aspectos econômicos, sociais e históricos que o consolidam como um dos principais símbolos de identidade nacional.

Nesse contexto, destaca-se a visão do líder sul-africano Nelson Mandela, que reconheceu no esporte um poderoso instrumento de transformação social. Para ele, o esporte possui a capacidade de inspirar e unir pessoas de diferentes origens e realidades, superando barreiras e promovendo esperança em meio às adversidades.

Ao afirmar que “o esporte tem o poder de mudar o mundo, de inspirar, de unir as pessoas de uma forma que poucas coisas conseguem”, Mandela reforça o potencial do esporte, especialmente do futebol, como ferramenta de inclusão social, superação de desigualdades e fortalecimento da cidadania.

Sob essa perspectiva, o ordenamento jurídico brasileiro também reconhece o valor social do esporte. A Constituição Federal de 1988, conhecida como Constituição Cidadã, e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990, destacam o esporte como um direito fundamental de todos os cidadãos, com atenção especial à infância e à juventude.

Esses instrumentos legais atribuem ao Estado o dever de fomentar práticas esportivas formais e informais, garantindo condições adequadas, espaços públicos e recursos destinados à promoção de atividades culturais, esportivas e de lazer para crianças e adolescentes (Brasil, 1988; Brasil, 1990).

Entretanto, apesar dos avanços legais que buscam assegurar o acesso universal ao esporte, ainda persistem desafios significativos diante das desigualdades sociais históricas do país. A chamada Questão Social, originada por transformações culturais, econômicas e estruturais, evidencia um cenário de exclusão que atinge, de forma mais intensa, a população negra e as camadas mais pobres da sociedade.

Essas desigualdades impactam diretamente o acesso de jovens em situação de vulnerabilidade a espaços esportivos e a oportunidades de desenvolvimento

pessoal. Diante desse cenário, os clubes esportivos e projetos sociais surgem como alternativas concretas de inserção social, principalmente nas periferias urbanas e comunidades em situação de risco.

Por meio da prática esportiva, os jovens têm a oportunidade de desenvolver habilidades técnicas, fortalecer valores éticos e ampliar as perspectivas de futuro. Além disso, o envolvimento no esporte contribui significativamente para o afastamento de situações de risco, como o envolvimento com a criminalidade, a violência e outras práticas prejudiciais.

Assim, o futebol ultrapassa a esfera do entretenimento, consolidando-se como um importante mecanismo de inclusão e ascensão social, além de fortalecer os vínculos comunitários. As atividades esportivas promovem não apenas a formação de atletas, mas, sobretudo, a formação de cidadãos críticos, conscientes e participativos, desenvolvendo competências fundamentais para a vida em sociedade, como disciplina, respeito, solidariedade e trabalho em equipe.

Diante disso, reforça-se a necessidade da garantia e acesso pleno ao esporte como um direito de todos. O enfrentamento das desigualdades sociais demanda o comprometimento e cobrança de toda a sociedade, que aliado à parceria com instituições privadas e iniciativas comunitárias, o futebol continue sendo uma poderosa ferramenta de transformação social, capaz de oferecer oportunidades reais para aqueles que enxergam nele um caminho de superação e esperança.

4. METODOLOGIA

Nesta seção, foi inserido todos os detalhes que circunscrevem a pesquisa, como espaço no qual a pesquisa acontece, os sujeitos da pesquisa, a metodologia mais adequada e a forma de coleta dos dados.

4.1 Cenário da Pesquisa

A pesquisa de campo foi realizada na Escolinha Ponte Preta Ludovicense, localizada nos Campo De Futebol "Tocão", localizado na Avenida Miguel Vieira, 667 - 793, Jardim São Cristóvão, onde treinam os jovens com faixa etária entre 11 à 17 anos, e na Arena Fênix, na Avenida Miguel Vieira, 8, Jardim São Cristóvão, onde treinam as crianças com faixa etária entre 7 à 10 anos. A escolha dessa escolinha se deu por ser referência em qualidade de ensino no Bairro do São Cristóvão. Além de que o pesquisador foi morador do bairro, sendo assim, conhece a dinâmica do local a partir das suas vivência no local e agora como pesquisador poderá perceber diferenças e mudanças na vida dos jovens no contexto pesquisado.

4.2 Características da Pesquisa

Este estudo insere-se no campo da pesquisa qualitativa, opta-se por esse modelo de pesquisa, pois haverá preocupação com os contextos e subjetividades de suas construções, buscando-se "insights, em vez de percepções estáticas do mundo (BELL, 2008)", além de considerar a importância e relevância das complexas compreensões das relações que compõe o objeto de estudo.

Utilizou-se como método o estudo de caso. O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento. A vantagem do estudo de caso é a ênfase na totalidade. Assim, multiplica-se as dimensões de um problema, focalizando-o como um todo. No caso da Escolinha de futebol Ponte Preta que atua na área do São Cristóvão, permite-se ampliar as discussão para outras escolinhas de futebol da cidade de São Luís.

4.3 Sujeitos do Estudo

Os colaboradores dessa investigação foram professores pertencentes a Escolinha Ponte Preta Ludovicense, no segundo semestre de 2024 e primeiro

semestre de 2025.

Para melhor compreensão dos sujeitos dessa pesquisa, foi elencado as seguintes características em formato tabela:

Quadro 1 : Detalhamento dos sujeitos da pesquisa

Itens Qualitativos	Professor 1	Professor 2	Professor 3
Idade	36	30	23
Curso de Formação	Ed. Física	Ed. Física	Ed. Física
Nível de formação	Mestrado	Bacharelado	Cursando
Ano de formação	2023	2025	----
I.E.S	UFMA	Uniassevi	Pitágoras
Atuação na escolinha Ponte Preta	2015	2023	2022

Fonte: Elaborado pelo autor

Foram considerados como critérios de inclusão da pesquisa os professores que estiverem na referida escola como técnicos nos campos Arena Fênix e no Campo De Futebol "Tocão" entre os períodos temporais estabelecidos – segundo semestre de 2024 ao primeiro semestre de 2025. Foram excluídos da pesquisa todos os professores que estejam fora do período determinado como técnicos na escola e nos campos supracitados ou aqueles que se negaram a participar da mesma. Foram acompanhadas 18 aulas na supracitada escolinha de futebol, com objetivo de coletar dados e informações necessárias para conclusão da pesquisa.

4.4 Instrumentos de Coleta de Dados

Para melhor compreender a realidade que se coloca para nós, executores da pesquisa, elencou-se o seguinte instrumento: Entrevista semiestruturada como forma de atingir os objetivos elencados nessa pesquisa. A entrevista, concorda-se com Thiollent (1985, p. 35) quando afirma que “é uma maneira de colher informações dos sujeitos a partir do discurso livre, em que o entrevistador se mantém em escuta atenta ao mesmo tempo que mantém um diálogo descontraído com os envolvidos na pesquisa. ”, e como completa Marconi e Lakatos (2017) “um encontro entre duas

peessoas, a fim de que uma delas, mediante conversação, obtenha informações a respeito de determinado assunto” que nesta pesquisa trata-se da tematica de como o futebol pode influenciar nos aspectos sociais e educacionais da vida do jovem praticante.

4.5 Procedimentos de Coleta de Dados

Os dados para revisão de literatura foram coletados através de busca nos arquivos das bases de dados tais como *Scielo* e Periódico Capes com a intenção de ter acesso a artigos, trabalhos, teses e dissertações a respeito do tema pretendido a fim de encontrar informações que ajude a compreender o objeto dessa investigação.

Foi realizada uma entrevista com perguntas semi estruturadas pois esta possibilita ao entrevistado que sinta-se mais à vontade para expressar suas opiniões ligadas à temática e às perguntas que lhes serão feitas. Perguntas que, segundo Triviños (2012) devem “[partir] de certos questionamentos básicos, apoiados teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa” e que a posteriori deve se encaminhar para um amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipoteses que vão surgindo à que se recebem as respostas do informante”.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas conforme os áudios e entregues aos entrevistados para que tenham ciência, após aprovação dos entrevistados em que foi feita uma análise do conteúdo da entrevista, com isso pretende-se compreender de que forma os professores observam suas práticas e como estas estão interligadas no contexto de inclusao social e fazendo um papel educacional na vida de jovens praticantes da escolinha de futebol Ponte Preta.

Nesse sentido, a discussão aqui realizada busca articular os dados obtidos das falas e percepções dos professores durante a realização das aulas com o suporte teórico eleito para essa investigação. Cabe ressaltar que a pesquisa iniciará após todos os procedimentos legais serem tomados, desde a apresentação do projeto à direção da escolinha de Futebol até a devolução dos termos de consentimento livre e esclarecido, assinados pelos professores que participarão da pesquisa.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente seção discute o futebol nas escolas de base a partir de três eixos analíticos complementares: **Formação educacional e cidadã**, **Esporte e inclusão social** e **Desafios e perspectivas no futebol de base**. Cada eixo é sustentado por referenciais teóricos consagrados na Educação Física crítica — especialmente Freire (1998), Daólio (2004), Bracht (2003), Betti (1991) e Scaglia (2003) — articulados aos depoimentos dos professores que compõem o corpus empírico desta pesquisa.

No **tópico Formação Educacional e Cidadã**, analisamos como o futebol, entendido como prática pedagógica intencional, favorece a construção de valores éticos, disciplinares e cooperativos entre alunos-praticantes. A reflexão parte da noção de que “o jogo educa” (Freire, 1998) e se apoia ainda nas concepções de esporte-cultura de Daólio (2004) e na defesa de Bracht (2003) do esporte escolar como fenômeno cultural que forma sujeitos críticos.

No **tópico Esporte e inclusão social**, aprofunda-se a dimensão inclusiva do futebol, examinando sua capacidade de integrar crianças e jovens de diferentes origens sociais e, sobretudo, de ampliar a participação feminina numa modalidade historicamente masculinizada. O debate faz eco às ideias de Freire (1998) sobre educação libertadora e às discussões de Scaglia (2003) a respeito do esporte educativo como espaço de cooperação, regras e enfrentamento simbólico, além de retomar a crítica de Betti (1991) sobre a necessidade de um projeto pedagógico comprometido com a formação humana.

Por fim, em **Desafios e perspectivas no futebol de base**, aborda-se os principais obstáculos que limitam o potencial transformador do futebol de base, fragilidade dos vínculos familiares, ausência de políticas públicas, competitividade precoce e persistência de preconceitos de gênero. Esses desafios são examinados à luz da advertência de Freire (1998) de que o esporte é direito e não privilégio, exigindo uma proposta crítica capaz de superar as contradições que o próprio futebol reflete da sociedade.

Ao integrar esses três eixos, buscamos demonstrar que o futebol de base, embora carregue tensões e limites, permanece um terreno fértil para a formação cidadã, a prática inclusiva e o debate crítico sobre as relações sociais contemporâneas.

5.1 Formação educacional e cidadã

Ao serem questionados sobre o papel do futebol na formação de valores e princípios entre os alunos-praticantes da escola de base, os professores entrevistados destacaram a importância das escolinhas de futebol como espaços de educação integral e de manutenção dos valores.

Para eles, essas instituições vão além do desenvolvimento técnico e físico, contribuindo significativamente na construção de sujeitos éticos, disciplinados e na preparação para a vida em sociedade.

Essa compreensão está alinhada ao pensamento de autores como Freire (1998), que reconhece o futebol como uma ferramenta pedagógica potente, capaz de educar por meio do jogo, promovendo valores como cooperação, respeito e superação.

O jogo educa. A brincadeira ensina. O esporte pode ser, sim, uma forma privilegiada de educação, desde que conduzido com intencionalidade pedagógica e sensibilidade social (Freire, 1998, p. XIII).

O Professor 1, por exemplo, reforça o caráter formativo do esporte ao destacar que o cotidiano dos treinos, jogos e competições permite aos alunos vivenciar, de forma concreta e recorrente, valores fundamentais para a convivência social:

O futebol, assim como todos os esportes, tem a capacidade de repassar e vivenciar com mais clareza os valores e princípios necessários para a vida em sociedade. O aluno vê na prática, a cada treino, a cada jogo, a cada pré-jogo ou competição, a importância desses valores e princípios (Professor 1).

Nesse mesmo sentido, o Professor 2, ressalta que a vivência no futebol de base não se limita ao domínio de habilidades esportivas, mas também promove o aprendizado de valores fundamentais como o trabalho em equipe, a disciplina, o respeito e a ética. Segundo ele

O futebol na escolinha de formação tem um papel muito importante na construção de valores e princípios nos alunos, pois vai muito além das habilidades esportivas. Os alunos aprendem lições que os acompanharão por toda a vida, como espírito de equipe, entendimento sobre disciplina e respeito, concentração, desenvolvimento de novas habilidades, com foco na socialização e ética, que os mantém resilientes e preparados para buscar o crescimento como cidadãos e enfrentar os desafios da vida (Professor 2).

O terceiro professor entrevistado destaca que o futebol contribui significativamente para a formação do indivíduo enquanto cidadão, promovendo valores que se estendem para além do campo, influenciando positivamente as relações na sociedade.

Bom, como em todos os esportes, o futebol contribui bastante para essa forma social do praticante, porque o futebol hoje é bem disciplinado. É um esporte que segue bastante regras, bastante disciplina. Então hoje o futebol contribui muito para a sociedade, em conta de o atleta estar participando de atividade física. Também a questão disciplinar de caso, com o respeito, a coletividade com o grupo, saber respeitar, saber se comunicar, saber ser orientado, saber ouvir, também saber estar dando ideias. Então hoje o futebol contribui bastante para a forma social de uma pessoa, tanto como para a sociedade. Porque também tem a parte da inclusão, que o futebol também é inclusão, pode estar participando de todas as pessoas, independente da idade, independente da faixa etária, independente da cor, da raça, religião. Hoje o futebol é bastante inclusivo, de inclusão (Professor 3)

Segundo o docente, o futebol é compreendido como um espaço de disciplina, onde os alunos aprendem, de forma cotidiana, noções de respeito, convivência e responsabilidade. Ele destaca que, nas escolinhas, os educadores procuram orientar os atletas quanto ao que é certo e errado, reforçando comportamentos pautados na ética e na convivência respeitosa. Essa prática intencional torna o ambiente esportivo um campo fértil para a construção de valores sociais.

Além disso, o professor menciona que, embora ainda haja baixa adesão ao futebol feminino em sua realidade, há uma presença crescente de meninas e jovens mulheres nas escolinhas, o que demonstra o potencial do esporte como ferramenta de inclusão. Ele reconhece que a participação feminina ainda é limitada, mas aponta avanços ao afirmar que há atletas do sexo feminino que treinam regularmente, incluindo crianças e adolescentes.

Ao enfatizar a importância de “dar valores” aos praticantes, o professor sugere uma perspectiva pedagógica que busca não apenas formar jogadores, mas cidadãos mais conscientes, capazes de refletir sobre suas ações e sobre o meio em que vivem.

Essas reflexões reforçam a compreensão do futebol como prática educativa, tal como defende Freire (1998), ao afirmar que o esporte, em especial quando vivido na escola, não deve ser reduzido à competição, mas compreendido como espaço de

formação ética, de vivência do coletivo e de exercício da liberdade com responsabilidade.

Tais percepções dialogam com outros autores como Daólio (2004), que compreende o esporte como prática social significativa, que possibilita o desenvolvimento da autonomia, da ética e do respeito às diferenças.

Além disso, conforme defende Bracht (2003), o esporte escolar deve ser entendido como um fenômeno cultural que contribui para a formação de sujeitos críticos e participativos, desde que conduzido com intencionalidade pedagógica.

Esses relatos evidenciam a potência do futebol como instrumento pedagógico capaz de articular formação esportiva com formação humana, apontando para um modelo de educação que integra corpo, mente e convivência ética — especialmente significativo no contexto de crianças e adolescentes em fase de construção da identidade social e cidadã.

Na segunda pergunta, ao serem indagados sobre como o futebol pode contribuir para a formação da cidadania e o desenvolvimento da consciência social dos alunos no contexto da escola de base de futebol, os professores entrevistados destacaram a importância do respeito às diferenças, do reconhecimento das individualidades e da valorização do trabalho coletivo como pilares essenciais para a convivência em sociedade.

Essa perspectiva é reforçada por Scaglia (2003), ao afirmar que

Ao propiciar experiências corporais que envolvem regras, cooperação e enfrentamento simbólico, o esporte educativo torna-se espaço de aprendizagem de valores fundamentais para a vida em sociedade (Scaglia, 2003, p. 90).

O Professor 1 enfatiza que a vivência no futebol cria oportunidades para que os alunos compreendam o valor do respeito às hierarquias, do esforço pessoal e da superação. Para ele, o esporte favorece a construção de um senso de responsabilidade individual, ao mesmo tempo em que desperta a consciência coletiva:

Sim. Através do respeito às individualidades, do respeito às hierarquias, do trabalho em equipe, do comprometimento com a própria evolução, em saber que está dentro de si a força para melhorar, se capacitar e, se possível, alcançar seus sonhos (Professor 1).

Complementando essa visão, o Professor 2 destaca que o futebol, por sua natureza coletiva e ao mesmo tempo individualizante, estimula habilidades sociais fundamentais. Ele aponta que a prática esportiva favorece o desenvolvimento da comunicação, do respeito mútuo e da autoconfiança — aspectos que fortalecem o senso de cidadania dos jovens:

Sim, o futebol, em sua abordagem coletiva e individual, proporciona interação social, respeito recíproco, desenvoltura na comunicação e, sobretudo, o potencial de trabalhar em equipe, preparando-os e tornando-os mais seguros para atuarem como cidadãos ativos e responsáveis no meio em que vivem” (Professor 2).

Essas respostas evidenciam que, para os professores, o futebol vai além do jogo em si: trata-se de uma prática pedagógica capaz de articular vivências esportivas com aprendizagens sociais profundas, promovendo o protagonismo juvenil e a formação de sujeitos mais conscientes do seu papel na coletividade. Como ressalta Betti (1991), o esporte na escola, quando orientado por um projeto pedagógico comprometido com a formação humana, amplia seu alcance educativo e fortalece a constituição de valores sociais essenciais.

5.2 Esporte e inclusão social

Ao discutir o papel social do futebol nas escolas de base, é possível perceber a maneira que o esporte contribui na vida social, cultural e afetiva desses jovens atletas. O futebol, quando pedagogicamente orientado, pode se tornar uma ferramenta pungente de construção de valores, de respeito às diferenças e de vivência democrática.

Como afirma João Batista Freire (1998, p. XIII), o futebol pode ser uma forma privilegiada de educação, desde que seja canalizado para uma intencionalidade pedagógica e sensibilidade social.

Nesse sentido, os professores entrevistados destacam benefícios sociais relevantes que emergem da prática do futebol escolar. Para o Professor 1, entre os principais ganhos estão a autonomia, o espírito de liderança e a sociabilização entre crianças de diferentes origens. Ele afirma:

Acredito que são várias, como a autonomia, o espírito de liderança, a inclusão social, onde no dia a dia várias crianças de vários grupos sociais se relacionam e aprendem a respeitar suas diferenças” (Professor 1).

O Professor 2 coloca essa perspectiva ao apontar que o futebol funciona como instrumento de integração entre diferentes classes sociais, como mencionado pelo professor anterior, promovendo o respeito às normas e o convívio coletivo:

O futebol é uma ferramenta para incluir crianças e jovens de diferentes classes sociais, origens e realidades. As regras do jogo, por si só, já despertam nos alunos a compreensão e o cumprimento de leis e normas sociais, promovendo o respeito, a igualdade e a convivência harmoniosa, fatores preponderantes e benéficos no que tange aos aspectos sociais” (Professor 2).

As observações dos docentes dialogam com a ideia de Freire (1998, p. XV), ao destacar que o futebol "ensina porque emociona, porque envolve, porque movimenta mais do que músculos: movimenta sentimentos, pensamentos, valores, decisões”. Nesse contexto, a prática esportiva torna-se ambiente de formação ética e relacional.

No entanto, quando questionados sobre a capacidade do futebol de romper com barreiras sociais estruturais, como o preconceito ou a exclusão, surgem pontos de reflexão e crítica. O Professor 1 destaca o limite dessas ações dentro da escola de futebol, não sendo ela suficiente para transformar de maneira efetiva a vida dessas crianças e adolescentes quando não acompanhadas de políticas mais amplas de equidade:

[...] Quando a gente vê um garoto da periferia vencer na vida, não é regra, são exceções. A grande maioria segue outras estatísticas. São questões bem mais complexas e não dependem especificamente do que é vivenciado no contexto das aulas de futebol (Professor 1).

Ou seja, embora o futebol de base tenha potência inclusiva, não deve ser solução única para as desigualdades. O Professor 3 já traz a tona outro sentido de inclusão, como a inclusão feminina no esporte.

Hoje, como a demanda é pouca do futebol feminino, mas a gente tem atletas, mulheres que também participam, de jovens, meninas, crianças também. Quando uma pessoa vem se matricular, porque a nossa escolinha é particular, perguntar, aceita feminino, a gente aceitamos. Aí ela já é inclusa com a galera que é menino, mas assim a gente já teve também um time feminino, que a gente conseguiu construir, entendeu? Mas como a demanda

é pouca, a procura é pouca, então acaba a gente não tendo um time só feminino, mas a gente sempre tem atleta feminina também participando com a gente (Professor 3).

A fala do Professor 3 revela um aspecto importante e ainda desafiador no campo do futebol de base: a participação feminina nas escolinhas de futebol. Embora a prática do futebol pelas meninas venha crescendo nas últimas décadas, ainda persiste uma baixa demanda espontânea por parte do público feminino, especialmente em espaços tradicionalmente ocupados por meninos. Segundo o professor, há abertura para a inclusão de atletas do sexo feminino, mesmo em turmas mistas, e experiências anteriores de formação de equipes exclusivamente femininas já foram vivenciadas, ainda que com curta duração devido à pouca adesão.

Esse cenário aponta para a necessidade de se repensar as estruturas e as propostas pedagógicas das escolinhas, de modo que não apenas aceitem, mas estimulem ativamente a participação das meninas. A baixa procura não deve ser interpretada como falta de interesse, mas, muitas vezes, como resultado de barreiras socioculturais, como estigmas de gênero, ausência de modelos femininos no esporte, apoio familiar restrito ou falta de incentivo institucional.

Como destaca Freire (1998), a educação libertadora implica “ouvir as vozes que foram historicamente silenciadas” e criar espaços onde todas as subjetividades possam se expressar com dignidade e igualdade. Nesse sentido, garantir a presença e a valorização das meninas no futebol é também uma forma de resistência e de construção de uma educação verdadeiramente inclusiva, que reconhece o corpo feminino como sujeito de direito à prática esportiva.

Portanto, ainda que a fala do professor revele um esforço de acolhimento, ela também evidencia a fragilidade estrutural do acesso feminino ao futebol no contexto das escolinhas, especialmente quando estas são particulares e dependem da lógica da procura para manter turmas específicas. O desafio, nesse caso, é transformar a inclusão em política institucional ativa, e não apenas em resposta pontual a uma demanda eventual.

Portanto, a fala dos entrevistados reforça o pensamento de Freire (1998, p. 25): “o futebol é um espelho da sociedade, e nela carrega seus vícios, suas exclusões, suas tensões”. Assim, sua função social e educativa precisa estar atrelada a uma ação pedagógica e consciente de suas limitações.

Dessa forma, conclui-se que o futebol de base pode, sim, favorecer a formação cidadã, estimular o respeito às diferenças e promover vivências significativas de convivência democrática. Contudo, não pode ser isoladamente responsabilizado por resolver problemas estruturais como o preconceito ou a exclusão social.

5.3 Desafios e perspectivas no futebol de base

Apesar de reconhecido como ferramenta social, o futebol praticado nas escolas de base enfrenta inúmeros desafios para cumprir esse papel. Os relatos de professores envolvidos com a formação de jovens atletas revelam obstáculos que vão desde a fragilidade de vínculos familiares até a ausência de políticas públicas voltadas ao esporte como direito educacional.

Como afirma João Batista Freire (1998, p. XV), o futebol além de educativo, precisa ser conduzido por uma proposta crítica para que seja possível estabelecer os limites que as ações conseguem alcançar.

Com isso, um dos principais pontos destacados pelos docentes refere-se à influência direta da **base familiar** no comportamento e no desenvolvimento dos alunos. Para o Professor 1, a presença de afeto, respeito e limites no ambiente doméstico é fundamental para o êxito das ações pedagógicas dentro das escolinhas:

[...] A base familiar é tudo. Se o aluno recebe carinho, respeito, aprende a ter limites, o trabalho dentro da escolinha é bem mais facilitado (Professor 1).

Essa fala vai ao encontro da perspectiva de Freire (1998), que defende uma abordagem educativa integrada, na qual o futebol não substitui, mas dialoga com os demais contextos formativos do aluno. A ausência desse suporte externo, portanto, compromete os potenciais educativos da prática esportiva.

Outro desafio destacado pelo Professor 2 é a dificuldade em lidar com a **diversidade social**, especialmente pela falta de apoio do poder público, que não assegura o acesso equitativo ao esporte:

A dificuldade de lidar com a diversidade social, em que todos possam participar. Nesse aspecto, o poder público tem falhado, não proporcionando incentivo e políticas públicas para ampliar o equilíbrio entre a formação esportiva e a educação integral dos jovens praticantes" (Professor 2).

Já o professor 3 coloca sua crítica em outro prisma, este que abrange a questão de gênero no campo de futebol

Hoje a gente sempre luta com essa forma errada de como outras pessoas olham o futebol. Como hoje tem muitas questões aí, como a própria FIFA, que é a confederação que organiza o mundo do futebol, fazendo campanhas contra racismo, fazendo campanhas contra o preconceito, tanto no feminino como no masculino. Então hoje o futebol é bastante de inclusão, quando a gente procura sempre dar valores de forma que um atleta, uma pessoa que gosta de ver pelo lado esquerdo da coisa, de ver que futebol não é pra menina, mas a gente sempre tenta ensinar, futebol é pra menino e pra menina é pra quem quiser participar. Entendeu (Professor 3).

Como bem observa Freire (1998, p. 49), “o esporte é um direito, não um privilégio”, e sua democratização depende de políticas consistentes de inclusão. Sem incentivo estrutural e compromisso coletivo, o futebol nas escolas tende a reproduzir as mesmas desigualdades que se propõe a combater.

Ao refletirem sobre o que falta nas escolas para potencializar o papel social do futebol, os professores apontam fatores ligados tanto à prática pedagógica quanto à cultura esportiva vigente. O Professor 1 enfatiza que a **competitividade excessiva nas categorias de base** prejudica o caráter inclusivo do esporte:

A redução da competitividade nas iniciações esportivas. A busca por vitórias, títulos e conquistas acaba fazendo o futebol de base ser bem menos inclusivo do que poderia ser (Professor 1).

Esse alerta remete à crítica de Freire (1998, p. 27), ao afirmar que “o futebol formativo não pode ser um espelho do futebol de espetáculo”, pois quando os valores do rendimento e da vitória são priorizados desde cedo, perde-se o sentido educativo da prática esportiva.

Já o Professor 2 propõe uma **maior articulação entre família, escola e escolinha de futebol**, de modo a consolidar uma rede de apoio à formação cidadã dos jovens praticantes:

Uma interação maior entre a escolinha de futebol, a família e a escola, que associados ao mesmo objetivo podem potencializar a formação dos alunos como cidadãos mais conscientes de sua participação e papel na sociedade. Não posso deixar de ressaltar que a pressão pela busca por uma performance melhor nos jogos acaba prejudicando este processo” (Professor 2).

A fala reforça a concepção de que o esporte só se realiza plenamente como prática educativa quando inserido em um **projeto coletivo de formação humana**, que vá além das quadras e dos resultados técnicos. Como sintetiza Freire (1998, p. XIV), “a função maior do futebol de base é a de humanizar, e isso se dá quando ele é vivido como espaço de encontro, escuta, erro e reconstrução”.

Portanto, ao reconhecer as barreiras que impedem o futebol de exercer plenamente sua função social, é possível reavaliar práticas e políticas, resgatando o sentido formativo do esporte. Isso exige um trabalho pedagógico comprometido, estruturado em rede e apoiado por políticas públicas que valorizem o esporte como um direito de todos — e não apenas uma perspectiva de alcance para poucos.

6. CONCLUSÕES

Este trabalho teve como objetivo investigar o papel social e educativo das escolinhas de futebol de base, tendo como objeto de análise a Escola de Futebol Ponte Preta, localizada no bairro São Cristóvão, em São Luís do Maranhão.

A partir da escuta atenta dos professores, da revisão teórica e do delineamento metodológico proposto, foi possível reconhecer que o futebol, muito além de uma prática esportiva, se constitui como um instrumento pedagógico potente de formação humana, cidadã e inclusiva.

A pesquisa demonstrou que, quando desenvolvidas com responsabilidade social, ética e compromisso formativo, as práticas pedagógicas nas escolinhas de futebol são capazes de provocar mudanças significativas na vida dos jovens participantes. Elas se tornam espaços de aprendizagem de valores como o respeito mútuo, a solidariedade, a disciplina, a escuta, a convivência com a diferença e o trabalho coletivo.

Esses aspectos são fundamentais para o desenvolvimento de sujeitos críticos e conscientes, que compreendem seu papel na sociedade e ampliam suas possibilidades de pertencimento e transformação social.

O estudo apontou que os professores assumem um protagonismo importante na mediação entre o esporte e a educação, sendo responsáveis por criar um ambiente de acolhimento, orientação e formação contínua. Quando o ensino do futebol é alinhado com valores educativos, ele rompe com a lógica puramente tecnicista e mercadológica do esporte e passa a atuar como dispositivo de emancipação dos sujeitos — especialmente de jovens em situação de vulnerabilidade social.

Como destaca Freire (1998), educar é um ato de amor, coragem e compromisso com a humanização dos indivíduos. Assim, o professor de futebol, nesse contexto, também é educador popular, agente de escuta e transformação.

Além disso, a escuta dos docentes revelou que os aprendizados advindos do convívio nas escolinhas vão muito além da técnica esportiva: são experiências de vida que formam cidadãos. Os alunos aprendem a lidar com frustrações, a respeitar regras, a reconhecer seus limites e a celebrar suas conquistas coletivas e individuais.

Essa formação integral é defendida por autores como Bracht (2003), Daólio (2004), Betti (1991) e Scaglia (2003), que reforçam o papel do esporte como campo

de expressão cultural e de construção de identidades, especialmente entre os jovens das periferias urbanas.

Contudo, o trabalho também evidenciou obstáculos significativos para a consolidação de uma prática realmente inclusiva no futebol de base. Dentre os principais desafios, destacam-se: a carência de políticas públicas voltadas ao esporte comunitário; a falta de estrutura e incentivo nas periferias; e o predomínio de uma lógica competitiva que, muitas vezes, exclui aqueles que não se enquadram em padrões de performance ou resultado. Esses entraves dificultam a efetivação plena do futebol como direito social e instrumento de cidadania.

Além disso, a pesquisa revelou uma lacuna na participação feminina nas práticas esportivas, indicando a urgência de ações mais deliberadas para promover o futebol como um espaço também de empoderamento e inclusão das meninas. A baixa demanda relatada não pode ser interpretada apenas como desinteresse, mas sim como reflexo de uma estrutura historicamente excludente e androcêntrica no futebol brasileiro.

Portanto, este trabalho contribui para o fortalecimento de uma abordagem crítica e educativa do futebol, propondo que as escolinhas sejam compreendidas não apenas como espaços de iniciação esportiva, mas como territórios formativos e democráticos.

Para isso, é fundamental que haja políticas públicas articuladas, formação continuada de professores, incentivo à participação da comunidade e valorização do esporte como linguagem potente de expressão social e cultural.

Acredita-se que os dados e reflexões aqui apresentados possam fomentar novas pesquisas, políticas educacionais e ações concretas que favoreçam o acesso universal ao esporte como direito social.

Que a prática do futebol de base, sobretudo em territórios vulnerabilizados, possa ser cada vez mais atravessada pela intencionalidade pedagógica, pelo compromisso com a equidade e pela convicção de que todo sujeito tem o direito de jogar, aprender, pertencer e transformar.

REFERENCIAS

- ARRUDA, M.; BOLAÑOS, M. A. C. Treinamento para jovens futebolistas. São Paulo: Phorte, 2010.
- ARRUDA, M.; BOLAÑOS, M. A. C. Futebol: treinamento e desenvolvimento infantil. São Paulo: Phorte, 2010.
- BECK, U. Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1998.
- BELL, J. Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BETTI, M. Esporte na escola: o que é e como deve ser. Revista Motrivivência, n. 8, p. 71-78, 1991.
- BARBANTI, V. O que é esporte? Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, nº 1, v 11, p.54-8, 2012.
- BRACHT, V. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. Vitória: EFD/UFES, 1997.
- BRACHT, V. Educação física e aprendizagem: uma abordagem crítica. São Paulo: Cortez, 2003.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei n. 8.069, de 13 jul. 1990. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990.
- CAPINUSSÚ, J. M. *Comunicação e transgressão no esporte*. São Paulo: Ibrasa, 1997. p. 28.
- CASTRO, J. A. Histórias da bola: 135 anos da história do futebol. São Paulo: Edípromo, 1998.
- CIAMPA, A. D. C.. Identidade: uma bússola para o mundo contemporâneo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- DAÓLIO, J. Cultura, educação física e futebol. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- DAÓLIO, J. Educação física e diversidade cultural: da compreensão à intervenção. Campinas: Autores Associados, 2004.
- FREIRE, J. B. Pedagogia do futebol. Londrina: Midiograf, 1998.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. Ethnography: principles in practice. London: Tavistock, 1983.

HISTÓRIA ILUSTRADA DO FUTEBOL BRASILEIRO. v. 1. Rio de Janeiro: Saraiva, 1968.

KLEIN, M. A., AUDININO, S. A. **O Almanaque do Futebol Brasileiro**. São Paulo: Ed. Escala, 1996.

KLEIN, M. A.; AUDININO, S. A. Futebol brasileiro: processo de difusão regional. São Paulo: Tempo & Jogo, [s.d.].

LANCE! Centenário de Mandela: O esporte tem o poder de transformar o mundo. Lance!, 6 abr. 2025. Disponível em: <https://www.lance.com.br/futebol-internacional/centenario-mandela-esporte-tem-poder-transformar-mundo.html>. Acesso em: 6 abr. 2025.

LASCH, C. A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças reduzidas. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LEME, C. G. É gol! Deus é 10: a religiosidade no futebol profissional paulista e a sociedade de risco. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

MAIA, M. M. O. Dimensões sociais do esporte: perspectivas trabalhadas nas escolas da cidade de Pau dos Ferros, RN. EFDeportes – Revista Digital, Buenos Aires, ano 15, n. 144, maio 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MEAD, G. H. Mind, self and society from the standpoint of a social behaviorist. Chicago: University of Chicago Press, 1934.

PLACAR. História do futebol. (Coleção Placar). São Paulo: Abril Cultural, 1998.

PLACAR. Copa do Mundo: o sonho vira realidade. (Coleção Placar, n. 2). São Paulo: Abril Cultural, 1998.

SASS, O. Crítica da razão solitária: a psicologia social segundo George Herbert Mead. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

SCHAR, S.; CATIANI, M. A. O. R. Futebol e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Campo & Bola, 2000.

SCAGLIA, A. J. Didática do futebol: o ensino do jogo e a formação de jogadores. São Paulo: Phorte, 2003.

SCAGLIA, A. J. Esporte educativo e a aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. 2003. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SCLIAR, M.; CATTANI, A. D. A história ilustrada do futebol brasileiro. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1968.

SOUZA, R. F. George Herbert Mead: contribuições para a psicologia social. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SWISSINFO.CH. O “tsu chu”, antigo como os Chang! *Swissinfo.ch*, 27 fev. 2008. Disponível em: <https://www.swissinfo.ch/por/sociedade-em-envelhecimento/strong-o-tsu-chu-antigo-como-os-chang-strong/6466444>. Acesso em: 1 jul. 2025. THIOLENT, M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Polis, 1985.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2012.

TUBINO, M. J. G. Dimensões sociais do esporte. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

WITTER, J. Futebol: do Brasil para o mundo. São Paulo: Moderna, 1996.

WITTER, J. S. Breve história do futebol brasileiro. São Paulo: FTD, 1996.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Caro (a) Senhor (a)

Estou realizando um Trabalho de Conclusão de Curso intitulado, **PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE A FORMAÇÃO CIDADÃ, INCLUSÃO SOCIAL E DESAFIOS NO FUTEBOL DE BASE**: Um estudo de caso em São Luís – Ma, cujo O estudo teve por objetivo geral analisar a percepção docente sobre a formação cidadã, inclusão social e desafios em uma escola de formação especializada de futebol para crianças e jovens na cidade de São Luís, a partir das estratégias utilizadas pelos professores para a promoção do desenvolvimento esportivo, social e pessoal dos atletas.

A Pesquisa conta com a orientação do Prof. Dr. Alex Fabiano Santos Bezerra, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Sua participação nessa pesquisa é opcional, você pode não aceitar participar ou desistir em qualquer fase da mesma, a qualquer momento, sob qualquer condição, sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com o pesquisador, com a UFMA ou com qualquer outra instituição envolvida.

Vale ressaltar que não há compensação financeira relacionada à sua participação, pois esta pesquisa será desenvolvida sem nenhum orçamento lucrativo. O risco relacionado com sua participação na pesquisa poderá ser no âmbito psicológico, como desconforto frente à presença da pesquisadora durante a coleta dos dados necessários para a pesquisa. Contudo, o desenvolvimento deste estudo ocorrerá de forma adequada, visando minimizar a ocorrência de tal desconforto, contando com a formação teórico-prática da pesquisadora na área.

Quanto aos riscos físicos, também não haverá possibilidades de ocorrer, visto que a coleta de dados ocorrerá em espaços seguros, dentro de salas apropriadas, na escola que você ensina. Você terá como benefício direto o recebimento de orientações, esclarecimentos e conhecimentos em relação as percepções gênero na educação infantil. Será garantido a você, caso seja necessário, o direito de ressarcimento, assistência e indenização.

Caso aceite gostaria que soubesse que será realizada a coleta de dados por meio de aplicação de entrevista semiestruturada.

Os resultados serão utilizados exclusivamente para fins científicos, como divulgação em revistas e congressos, em que sua identidade será preservada.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as paginas e assinada por ambas as partes, onde consta o telefone e o endereço eletrônico do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Agradeço sua participação e me coloco à disposição para maiores esclarecimentos através do e-mail: wpsilva389@gmail.com.

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos CEP/UFMA, poderá ser contatado para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo e-mail: cepufma@ufma.br. Telefone: 3272-8708. Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho, Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética. UF: MA Município: SÃO LUIS. CEP: 65.080-040.

Werbeth Pereira da Silva (aluno acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Maranhão / UFMA).

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar voluntariamente.

Participante

Pesquisador Responsável

Orientador

APÊNDICE B- ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS

Entrevista - professor
1. Nome:
2. Idade:
3. Curso de formação:
4. Nível de formação:
5. Ano de formação:
6. Faculdade de formação:
7. Quando começou a trabalhar em escola?
8. Quando começou a trabalhar na escolinha de futebol Ponte Preta?
9. Você trabalha em outra escola além da escolinha de futebol ponte preta? () SIM () NÃO

10. Com quantos alunos você trabalha este ano?
11. A escola realiza ações que buscam desenvolver valores sociais (cooperação, ética, disciplina, respeito, entre outros) nos alunos envolvidos em práticas esportivas, como o futebol?"? () SIM () NÃO
12. A escola possui projetos ou atividades esportivas voltadas para o desenvolvimento de valores nas equipes de futebol?? () SIM () NÃO

*Elaborado pelo autor.

Eixo 1: Formação Educacional e Cidadã

1. Na sua opinião, qual é o papel do futebol na formação de valores e princípios dos alunos-atletas na escola de base?
 2. O senhor(a) acredita que o futebol pode contribuir para a construção da cidadania e consciência social dos alunos? De que maneira isso acontece no cotidiano escolar?
-

Eixo 2: Esporte e Inclusão Social

4. Quais são os principais benefícios sociais que o futebol proporciona aos alunos da escola de base, além da prática esportiva?
 5. Em sua experiência, o futebol consegue romper barreiras sociais, como preconceito ou exclusão dentro da sociedade? Por quê?
-

Eixo 3: Desafios e Perspectivas no Futebol de Base

8. Quais os principais desafios que o senhor(a) observa no trabalho com o futebol como ferramenta de esporte e de uma transformação social?
9. Na sua visão, o que falta nas escolas de base para potencializar o papel social do futebol?